

Verde pedra preciosa

Era o mês de Julho. Lucas, do balcão da padaria do Seu Antônio, telefona, conforme haviam combinado antes da viagem dela. No terceiro toque, uma voz grave atendeu:

- Alô?

- Senhora, por favor, poderia chamar Esmeralda? – disse Lucas, em voz baixa.

- Um momento. – respondeu uma voz fria, seca e cortante.

Enquanto aguardava, pensou que a pessoa que atendera era seguramente a mãe, que sabia de sua existência e que, por alguma razão desconhecida, não simpatizava com ele. Imaginou-a uma matrona autoritária e sentiu-se dominado por uma onda de temor que serpenteara pelo corpo todo. Os devaneios, entretanto, desvaneceram-se rapidamente com a voz quente de Esmeralda:

- Oi amor, que bom você ter telefonado, estou cheia de saudades, cheguei ontem das férias, hoje no final da tarde, devo apanhar alguns exames de laboratório e...

- Exames de laboratório? – interrompeu-a abruptamente.

- É, nada importante, te explico depois, quando passar pelo apartamento, está bem?

Antes que ele esboçasse qualquer outra pergunta, ela antecipou-se:

- E você, está bem? Pensou em mim?

- Claro! E muito! Não deixei de pensar em ti, contei os dias e as horas de teu regresso, te amo muito, muito mesmo”.

Ela gostou de ouvir sua declaração de amor e, após uma pausa silenciosa, despediu-se rovocadoramente:

- Fica calminho aí, vamos matar as saudades logo. À tarde, estarei contigo, espera-me, um beijo grande, tchau.”

- Tchau.

Ele estava contente, alvoroçado, desejando que o tempo voasse e já fosse tarde. Lucas foi à faculdade para tomar conhecimento dos horários do segundo semestre e, por volta das três horas da

tarde, pegou o bonde para o Largo do Machado. Ao atravessar a praça, próximo à entrada da igreja, ocorreu-lhe comprar duas rosas vermelhas – as preferidas dela – de uma banca de flores. A vendedora, uma senhora idosa, de olhar perscrutador, assegurou-lhe que, se tudo corresse bem, os botões abririam logo. Começou então a arrumar o apartamento, limpou o chão, passou pano nos poucos móveis, empilhou num canto da sala os livros e cadernos e colocou os dois botões de rosa num copo com água na mesinha de cabeceira. Olhou o relógio e viu que ainda faltavam mais de duas horas para a chegada da amada. Deitou-se na cama e passou a rememorar os momentos vividos com ela, como cenas de um filme que não cansava de ver. Recordou o primeiro encontro...

Era uma tarde fria, cinzenta, no final do mês de Agosto. Começava a anoitecer. Em pé, numa transversal à Rua do Catete, Lucas contemplava interessado o comício político que se formara junto ao Palácio do Catete, devido ao trágico suicídio do Presidente Vargas, ocorrido na madrugada desse mesmo dia. Reparou que, bem perto,

uma jovem estudante, observadora e solitária como ele, fora empurrada acidentalmente por uma onda de populares que corriam em direção ao Palácio, onde o líder começava um discurso inflamado. Desequilíbrio-se e deixou cair os livros e cadernos. Ao perceber que ela estava quase caindo, segurou-a firme pela cintura, sentindo nas mãos o corpo vibrante e sensual. Ela olhou para ele, com o rosto um tanto assustado, e disse com voz morna:

- Obrigada, não fosse você, eu teria me esborrachado no chão.

- Não tem de quê. – respondeu-lhe e soltou-a devagar com as sensações daquele corpo ainda vivas nas mãos. Recolheu os livros e cadernos do solo e entregou-os nas mãos suaves daquela estudante. Falaram generalidades sobre o comício a que assistiam e, após algum tempo, pouco mais de vinte minutos, ela resolveu retirar-se do local.

A menina tinha rosto e corpo bem talhados, nariz levemente arrebitado, lábios carnudos, grandes e bem desenhados, pele bronzeada, longos cabelos castanhos encaracolados, presos na nuca por uma fita escarlate e brilho magnético nos olhos esverdeados. Lucas marcou na mente, como ferro em brasa na carne, os dois momentos que ele considerava importantes e significativos. O primeiro era o toque macio dos dedos dela em seu braço direito, quando ela se despedira, ao agradecer-lhe pelo gesto de ampará-la. Tocou-lhe com tal suavidade e intimidade, que deixara todo o corpo de Lucas arrepiado. O segundo foi quando, ao distanciar-se após a despedida, ela voltou o belo rosto de menina em direção a ele, deixando suspenso no ar um sorriso aberto, insinuante e enigmático.

Quatro meses se passaram desde aquele encontro e ele não tivera mais sossego. A busca por ela durante esse tempo foi infrutífera. Depois de algum tempo, desistiu de procurá-la, pensando que a opção que lhe restara – aliás, a única – era deixar tudo nas mãos do destino.

Numa tarde de fim de semana, na altura do posto quatro da praia de Copacabana, Lucas, sentado num montículo de areia, reparou que, a poucos metros dele, uma linda jovem que saiu do mar penteava seus cabelos esvoaçantes com movimentos graciosos e voluptuosos de todo o corpo. Pelos gestos, parecia estar contente com a vida e preparando-se para ir embora. Absorto e magnetizado por essa figura, permaneceu imóvel, com olhar fixo nela durante algum tempo, talvez minutos, até que um pequeno e sutil movimento do rosto dela – encarando-o interrogativamente e que lhe pareceu um sinal de protesto – rompeu a delícia deste momento singular. Constrangido, tentou mudar de postura quando percebeu que o olhar da jovem era complacente e o sorriso convidativo. Encorajado, abordou-a e iniciaram um longo e delicioso colóquio. Ao vê-la de perto, reconheceu-a de imediato: a jovem com traje de praia era a mesma normalista de uniforme azul e branco que há quatro meses lhe esbarrara na Rua do Catete e que era objeto de sua procura obsessiva durante todo esse tempo. Ela também lembrou com assombro aquele incidente e ambos pensaram e falaram com humor que era o destino guiando suas vidas.

Lucas, já com vinte e um anos, acadêmico de medicina, residia em um apartamento próximo ao Largo do Machado. Era romântico e sonhador. Desde o início, aquele encontro significou para ele o primeiro amor, o amor à primeira vista, que irrompera, de modo contundente, abrasador e pungente. Sentiu, na mente e no coração, que fora inoculado pelo vírus da paixão, com invasão

maciça e evolução galopante. Estava adoentado de amor. Fascinado por aquela figura, não cansava de procurá-la e ela, graças a Deus, correspondia às expectativas. Lucas admirava o sorriso espontâneo e contagiante, a fala amena, quente e expansiva, o andar insinuante e cheio de encanto e o jeito empertigado e altaneiro de ser. Expressava no rosto de menina um olhar romântico e um mistério desafiante. Havia nela certo ar de inocência visível e de uma malícia escondida. Lucas, ao considerar o namoro um fato consumado, deu-se conta de que era dois anos mais velho que ela. Ingentemente, passou a exigir-se uma maior responsabilidade, uma seriedade de compromisso e até uma maior experiência de vida. Entretanto, no passar dos dias, parecia-lhe que ela, ao contrário, encarava os fatos com menos seriedade e pouco se importava em ser mais ou menos experiente. Ela fez-lhe, assim, sentir o ridículo das próprias auto-exigências. A cada dia aumentava o desejo de estar com ela e, ao mesmo tempo e na mesma intensidade, crescia o medo de perdê-la. Os encontros tornaram-se cruciais, ávidos, sedentos. Havia ocasiões em que verem-se e trocaram algumas palavras bastava para aplacar a ansiedade da ausência. O local dos encontros era a praia de Copacabana, onde costumavam caminhar descalços ao pôr-do-sol, do Leme ao posto seis, sentindo nos pés o toque refrescante das ondas do mar. Algumas vezes, querendo despertar a atenção e o interesse da namorada, discorria sobre diversos assuntos. Ela, porém, captando esta preocupação, tocando-lhe suavemente os lábios com os dedos ordenava-lhe calar a boca. Abraçados, apreciavam, dos muros do Forte Copacabana, o brilho fosforescente das ondas do mar e o branco borbulhar da espuma ao chocar-se com a areia da praia, na Avenida Atlântica.

Mas foi numa noite memorável, três semanas antes de Esmeralda sair de férias, já como professora primária de uma escola no subúrbio da Central do Brasil, que reiteradamente lhe surgiam fantasias. Ela chegara ao apartamento no limiar da noite, vestida com roupa de passeio simples, de cores leves, destacando-se o verde suave que harmonizava com seus olhos e com seu nome. Lucas passou a chamá-la, desde então, de “verde pedra preciosa”. O apartamento representava a realização de um desejo acalentado pelos dois durante semanas a fio. Um lugar seguro, que os acobertasse, sem receios, nem sobressaltos. Longe da presença dos outros, romperam afoitos todas as inibições e desceram o longo desfiladeiro do amor, em correria desenfreada. Ela, soberana, como uma rainha, comandou eficazmente todos os atos dos ritos do amor e ele, como súdito voluntário, um tanto aturdido pelo acontecer acelerado, obedecia-lhe sem oposições, nem relutâncias. Como uma folha solta, deixava-se arrastar pela corrente impetuosa das iniciativas de mulher e, a cada minuto, aumentava seu amor por ela. Cada pedaço dela era uma fonte de satisfação e mistério. A paixão transbordava pelos poros. Lucas, em silêncio e com veneração quase religiosa, dizia-se: “parece ser uma mulher esculpida para amar. Será o amor personificado?” Havia nela determinação e vontade firmes. Ela sabia o que queria. Entregava-se à vertigem do amor sem medo, sem dor e sem culpa:

- Gostas de mim? Gostas do meu corpo? – perguntava, com olhar insinuante, provocativo e voz quente, aveludada e sensual.

- Sim, muito, muito mesmo. – respondia Lucas, inflamado.

- Então, desfruta-o, saboreia-o, delicia-te.

Estas palavras repercutiram nele de modo contundente, multiplicando o desejo até os limites da obsessão. Ela expressava, pelas atitudes e pelo corpo jovem, a difícil fórmula da felicidade no

encontro amoroso. Quanto mais a entrega era incondicional, mais ele se sentia atado pelos laços do prazer e do afeto. Não existia neles uma luta de poder, não havia ânsia de conquista, não havia vencedores, nem vencidos. O tempo do encontro transfigurava-se. Algumas vezes parecia parar e os momentos tornavam-se infinitos. Outras vezes, corria tão freneticamente, que parecia extinguir-se em segundos. Os desejos, como ondas impetuosas, rompiam os muros do constrangimento, da censura e do pudor e eles foram deliciosamente livres. No meio da penumbra, exaustos pela longa maratona de desejos que no auge queimaram os corpos no ardor da entrega, encharcados pelo suor quente das carnes febris repousaram juntos, próximos, quase colados. Ela estava farta, tranqüila, satisfeita. Ele aproximou-se de rosto dela, beijou-a e confessou-lhe em voz baixa que, durante o êxtase, lembrou-se de um trecho do poema de Garcia Lorca, de que ela tanto gostava. Ela, então, olhando-o com ternura, pediu-lhe que o declamasse. Lucas recitou, caprichando na veemência o trecho que dizia:

“En aquella noche corrí
Por el mejor de los caminos
Montado en potra de nácar
Sin freno y sin estribos”

Esmeralda abraçou-o emocionada, deu-lhe um beijo no rosto e acarinhou seus cabelos negros. Deitou-se de costas, com a mão direita embaixo da nuca e ficou silenciosa e pensativa, com o rosto denotando preocupação. Nesse momento, ele captou algo estranho em seu olhar, que perdera momentaneamente o brilho habitual. Seu semblante ficara pesado, parecendo estar distante de tudo. Lucas pensou: “será o segredo de uma experiência anterior, um pesar indescritível, uma tristeza impalpável, um arrependimento?” Ao mesmo tempo, perguntou-se de modo irônico: “e seria eu assim tão especial na vida dela, ao ponto de ter o direito de saber seus segredos?” Ela continuava silenciosa. Lucas ficou tentado a perguntar-lhe, mas logo desistiu, mais pelo temor de que a revelação estragasse aquele momento que já fora além das expectativas. Ainda deitada, ela virou-se de lado, cobrindo com a ponta do lençol parte de sua nudez.

Lucas olhou o relógio que marcava sete horas da noite. Estava na hora da chegada de Esmeralda. Levantou-se da cama, olhou pela janela da área de serviço, de onde dava para ver um pedaço da rua por onde ela passaria ao entrar no edifício. Permaneceu assim, debruçado e vigilante, por períodos intermitentes. Conforme o tempo foi passando, começou a ficar intranqüilo e um pensamento apavorante, como nuvem escura carregada de tormentas, passou a dominar a mente: “e se ela não aparecer?” Tentando afastar este assustador pressentimento, procurava convencer-se de que a demora era apenas a expressão de um charme, tolerado na mulher amada. O próprio corpo, entretanto, parecia captar com antenas invisíveis o futuro temido. Uma forte onda de frio percorreu-lhe a espinha dorsal e calafrios se irradiaram pelo resto do corpo. Uma sensação de aperto na garganta parecia sufocar-lhe a alma e viveu, por instantes, o medo catastrófico da morte. Desesperado, caminhava aflito de um lado para outro entre as paredes do quarto. Transcorreu mais de uma hora dessa espera,

que se tornou desesperada. Sentiu invadir-lhe o corpo um pesado mal-estar e um calor abrasador que lhe queimava os ombros e a nuca. Acudiram-lhe pensamentos assustadores: “teria sofrido um acidente? Estaria internada em algum hospital? Estaria gravemente doente?” Estas perguntas iam e voltavam e ele as ruminava sem parar. Qualquer barulho de passos pelo corredor elevava a esperança até o cume das montanhas para logo fazê-lo cair, abatido, no mais profundo dos abismos. Compulsivamente, olhava o relógio – agora tornado perseguidor – que repetia, em seu tique-taque torturante, já se haver esgotado o tempo derradeiro, havia mais de quatro horas.

A noite já estava vazia de vozes ambulantes. O medo pelos poros escorria, impregnando-se nas coisas e as coisas pareciam-lhe assustadoras. Mesmo percebendo a ausência da mulher amada, teimava, ainda com obstinação louca, em olhar o pedaço de rua, na quimérica esperança de que, no meio do silêncio e da escuridão da noite, emergisse a figura salvadora de Esmeralda. Olhou desgostoso para o leito vazio agora coberto de fina umidade congelada pela fria solidão. Prostrado, ouvia a agonia das já cadavéricas esperanças, que ricocheteavam enlouquecidas entre as paredes do quarto. Com o coração em pedaços e com a alma desesperada, rolaram pelo rosto lágrimas que não conseguia conter, assim como não continha as ondas intermitentes de raiva que brotavam, não só pelo abandono vivido, mas também por não se perdoar a fraqueza de chorar. Mais desanimado ficou quando constatou que os botões de rosas vermelhas não tinham aberto. Lembrou-se das palavras da vendedora, às quais não dera muita importância, mas que agora considerava proféticas: “que se tudo corresse bem, elas se abririam.” Esgotado pela espera estéril, acabara adormecendo. Entretanto, formara-se nele uma tênue e fina esperança de que, ao procurá-la, encontraria a explicação tranquilizadora.

Vinte e três anos mais tarde, Lucas desempenhava o trabalho de rotina, num domingo à tarde, como médico plantonista de um hospital psiquiátrico em Jacarepaguá, quando a enfermeira lhe comunicou que uma jovem estava à sua procura. Convidada a entrar na sala, a jovem apresentou-se como estudante de psicologia que desejava informações sobre uma paciente atendida por ele numa emergência. Era uma jovem simpática, de rosto bonito, maneiras simples e elegantes. A impressão causada pela estudante foi tão forte que, por um momento, Lucas ficou mudo e visivelmente perturbado, ao ponto de ela perguntar se ele estava se sentindo bem. Ele desculpou-se pelo “branco” sofrido e, já mais tranquilo, forneceu-lhe as informações de que ela precisava. Não suportando a curiosidade, disse-lhe que ela lembrava uma pessoa muito querida e pediu-lhe que lhe perdoasse se as perguntas fossem impertinentes. Ela ficou calada, mas logo consentiu em responder. Disse seu nome, que nascera no interior do Estado de Minas Gerais, que era órfã de pai e de mãe e que morava com a avó materna. O pai morrera em um acidente, meses antes do nascimento dela e a mãe, quando ela estava com seis anos de idade, após uma longa e grave enfermidade. Pouco sabia a respeito do pai:

- Eles, na época, eram muito jovens e eu fui produto de uma grande paixão. Pelo que captei nas conversas com minha avó. Parecia que ela não o conhecia bem e até desconfiei que, de fato, não o conhecesse. Sempre vivi mergulhada no mistério do relacionamento dos dois, mas aprendi a tranquilizar-me, pensando que seguramente se amaram muito e, mesmo tendo sido curto o romance, foram felizes. – concluiu emocionada.

Despediu-se, desculpando-se educadamente pelo desabafo. Agradeceu as informações dadas com um aperto de mão. Estava já quase fora da sala, quando Lucas correu perguntando-

lhe o nome da mãe e ela respondeu:

- Esmeralda.

Esta breve história provocou um abalo violento em sua aparente resignação. Tudo parecia coincidir: o nome da mãe, a idade provável do parto, o local de nascimento da filha e principalmente a imagem física. A jovem parecia ser uma cópia quase exata da mãe, apenas um pouco mais baixa, os lábios mais finos e os cabelos mais escuros e lisos. Nessa noite, Lucas rememorou os fatos de vinte e três anos atrás. A ferida antiga, que presumira estar cicatrizada, se reabriu, sangrando como daquela vez.

Pensou, considerando os fatos recentes, e deu uma versão nova para a ausência da namorada naquele dia. Esmeralda não comparecera ao encontro porque, pelos exames de laboratório, descobrira ser portadora de uma doença grave e estar grávida. Ficara, então, num dilema. Caso fosse ao encontro, não conseguiria esconder estas verdades. Se a doença era terminal, talvez um câncer, ela jamais permitiria ser vista nesta fase em que a vida estaria definhando. Também não aceitaria que ele ficasse com ela por pena ou obrigação. Deliberadamente, decidiu não ir ao encontro como prometera e resolveu sair da vida dele definitivamente sem deixar rastros. Refugiou-se na terra dos familiares maternos e, mesmo sabendo da dor que causaria a ele, procurou preservar o que ficara da paixão vivida: uma filha.

Ele pensara, muitas vezes com raiva e ressentimento, que a atitude da namorada fora terrivelmente egoísta. Entretanto, ao ver esta jovem, provavelmente sua filha, compreendeu os motivos. Perdoou-a e perdoou-se pelos sentimentos rancorosos. Lucas se tranqüilizara finalmente. O amor por Esmeralda se agiantara e, no silêncio do seu coração, conseguiu resgatá-la incólume.

Por Alcides Bustillos Villafan